

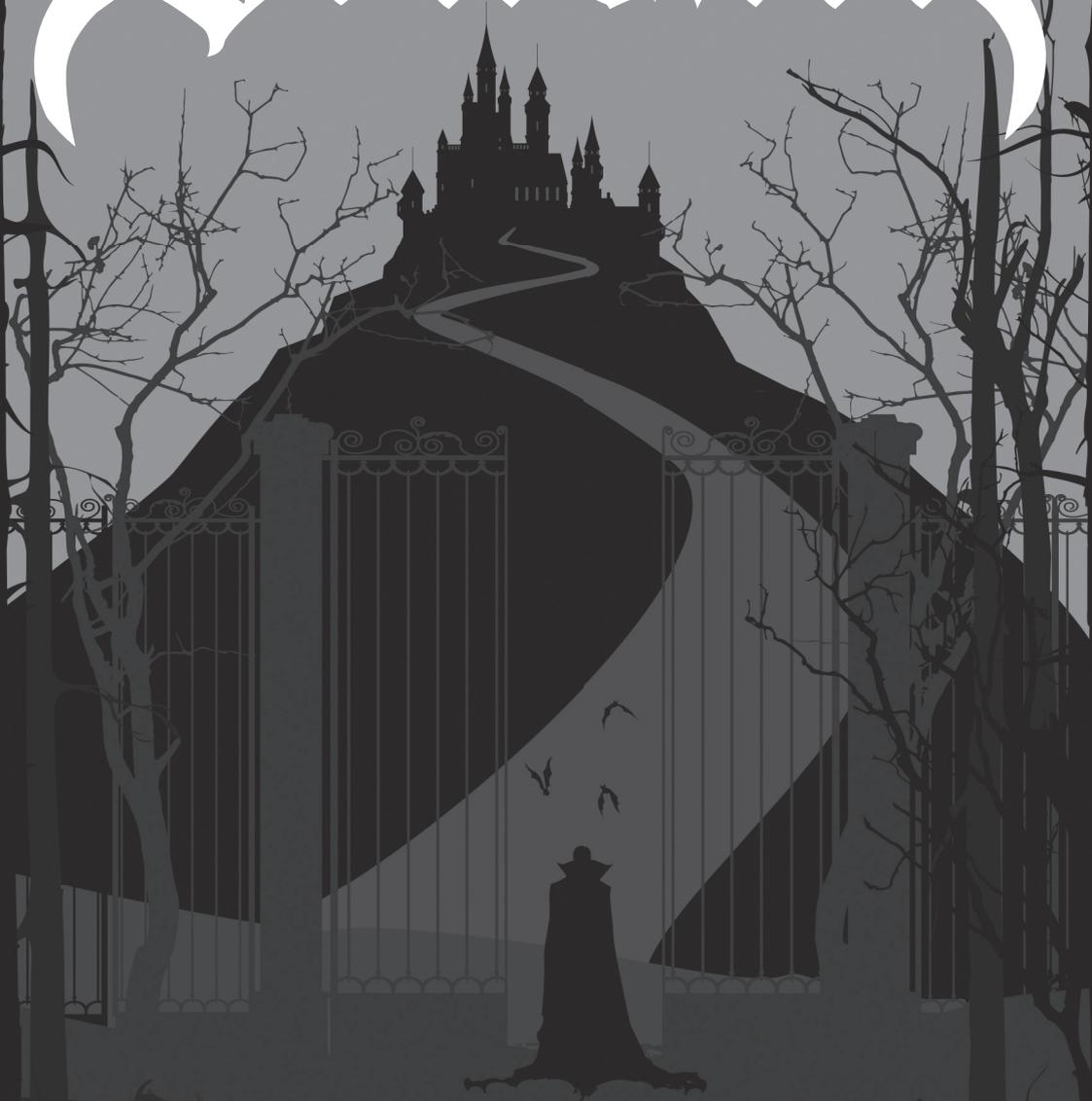
Dracula





Bram Stoker

Drácula



Principis

Tradução
Karla Lima

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Dracula

Revisão
Nine Editorial
Mauro de Barros

Texto
Bram Stoker

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Karla Lima

Imagens
Hzpriezz/Shutterstock.com;
Dominik Hladik/Shutterstock.com;
wichuda suwantee/Shutterstock.com;
Olga Lebedeva/Shutterstock.com

Preparação
Nine Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S815d	Stoker, Bram
	Drácula / Bram Stoker; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP: Principis, 2020. 368 p.; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da Literatura Mundial).
	Tradução de: Dracula ISBN: 978-65-555-2000-2
	1. Literatura irlandesa. 2. Romance. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.
2020-442	CDD 828.99113 CDU 821.111(411)-31

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura irlandesa : Romance 828.99113
2. Literatura irlandesa : Romance 821.111(411)-31

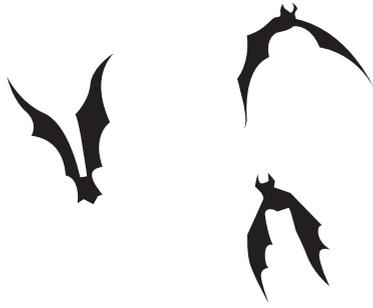
1ª edição revista em 2021
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Capítulo I.....	9
Capítulo II.....	21
Capítulo III.....	33
Capítulo IV.....	45
Capítulo V.....	58
Capítulo VI.....	66
Capítulo VII.....	78
Capítulo VIII.....	92
Capítulo IX.....	106
Capítulo X.....	120
Capítulo XI.....	134
Capítulo XII.....	145
Capítulo XIII.....	161
Capítulo XIV.....	176
Capítulo XV.....	191
Capítulo XVI.....	204
Capítulo XVII.....	214
Capítulo XVIII.....	227
Capítulo XIX.....	242
Capítulo XX.....	254
Capítulo XXI.....	268
Capítulo XXII.....	281
Capítulo XXIII.....	293
Capítulo XXIV.....	306
Capítulo XXV.....	320
Capítulo XXVI.....	334
Capítulo XXVII.....	351
Nota.....	368

Para meu querido amigo Hommy-Beg



Capítulo I

Diário de Jonathan Harker

(Mantido em taquigrafia)

3 de maio, Bistrita

Saí de Munique às oito e trinta e cinco da noite de 1º de maio, chegando a Viena cedo na manhã seguinte; deveria ter chegado às seis e quarenta e seis da manhã, mas o trem se atrasou uma hora. Budapeste parece ser um lugar lindo, a julgar pelo que vi de dentro do trem e pelo pouco que consegui caminhar pelas ruas. Tive medo de me afastar demais da estação, pois chegamos tarde e partiríamos o mais perto possível da hora certa. A impressão que tive foi a de que estávamos saindo do Ocidente e entrando no Oriente; as mais ocidentais das esplêndidas pontes sobre o Rio Danúbio, que aqui apresenta largura e profundidade imponentes, conduziram-nos para o seio das tradições turcas.

Partimos em boa hora, e após o anoitecer chegamos a Klausenburg. Passei a noite no Hotel Royale. No jantar, ou melhor, ceia, comi galinha preparada com um tipo de pimenta vermelha, que estava muito gostosa, mas me deixou com sede. (Nota: pegar receita para Mina.) Perguntei ao garçom o que era, e ele contou que se chama “*hendl* com páprica” e que, sendo um prato nacional, poderei pedir em qualquer lugar ao longo da cordilheira dos Cárpatos. Descobri que meu modesto conhecimento do alemão é muito útil aqui; na verdade, não sei como conseguiria me virar sem ele.

Dispondo de algum tempo livre enquanto estava em Londres, visitei o Museu Britânico, e nos livros e mapas da biblioteca fiz uma pesquisa sobre a Transilvânia. Tinha me ocorrido que um pouco de conhecimento antecipado sobre o país dificilmente não se provaria importante quando eu estivesse lidando com um nobre de lá. Descobri que o distrito que ele citou fica no extremo Leste do país, bem na fronteira de três Estados: Transilvânia, Moldávia e Bucovina, em meio às montanhas dos Cárpatos, uma das regiões mais selvagens e menos conhecidas da Europa. Não consegui identificar em nenhum mapa ou texto a localização exata do Castelo de Drácula, pois ainda não existem mapas deste país que sejam comparáveis aos feitos pela agência nacional de mapeamento da Grã-Bretanha. Mas descobri que Bistrita, o posto comercial mencionado pelo Conde Drácula, é um lugar bastante conhecido. Reproduzo a seguir algumas das anotações que fiz, pois poderão refrescar minha memória quando eu for contar sobre esta viagem para Mina.

A população da Transilvânia é de quatro nacionalidades distintas: saxões ao Sul e, misturados a eles, os valacos, que são os descendentes dos dácios; magiares a Oeste e sículos no Leste e no Norte. Vou em direção a estes últimos, que alegam ser descendentes de Átila e dos hunos. Bem pode ser, pois, quando os magiares conquistaram o país, no século XI, encontraram hunos instalados ali. Li que todas as superstições conhecidas no mundo se reúnem na ferradura dos Cárpatos, como se lá fosse o centro de um tipo de redemoinho imaginativo; se for assim, minha estadia há de ser bem interessante. (Nota: perguntar ao Conde sobre elas.)

Não dormi bem, embora a cama fosse bem confortável, pois tive todo tipo de sonho estranho. Um cachorro uivou a noite inteira debaixo da minha janela, o que pode ter influenciado; ou pode ter sido a páprica, pois precisei beber toda a água da garrafa, e mesmo assim continuei com sede. Perto do amanhecer consegui dormir, e fui acordado por batidas contínuas na minha porta, então suponho que estivesse dormindo profundamente. No café da manhã, comi mais páprica e um tipo de mingau de flocos de milho, que eles disseram ser “mamaliga”, e berinjela recheada de carne, um prato delicioso que chamam de “impletata”. (Nota: pegar receita disso também.) Precisei tomar o café da manhã às pressas, porque o trem partia um pouco antes das oito, ou isso é o que deveria ter acontecido, mas, após correr para a estação às sete e meia, fiquei sentado no vagão esperando por mais de uma hora até começarmos a andar. Parece que quanto mais você vai para o Oriente, mais impontuais são os trens. Como será que é na China?

Ao longo do dia inteiro pareceu que vagávamos sem rumo por um país repleto de belezas de todos os tipos. De vez em quando, víamos cidadezinhas ou

castelos no alto de montanhas muito íngremes, como as dos velhos missais; outras vezes, passamos por rios e riachos que, a julgar pelas margens rochosas de ambos os lados, pareciam sujeitos a grandes cheias. É preciso muita água, e uma correnteza muito forte, para varrer as margens de um rio até não sobrar nada. Em todas as estações havia grupos, às vezes multidões, usando todo tipo de traje. Algumas pareciam gente comum como a nossa e como as pessoas que vi quando cruzei a França e a Alemanha, com jaquetas curtas e chapéus redondos e calças feitas em casa; mas outras eram muito pitorescas. As mulheres pareciam bonitas, exceto se você chegasse perto, pois tinham cinturas grossas. Todas vestiam mangas longas brancas de um tipo ou de outro, e a maioria usava cintos grandes, com diversas tiras de tecido que voavam deles, como saias de balé, porém é claro que por baixo havia anáguas. As figuras mais estranhas que vimos foram os eslovacos, mais selvagens do que o resto, com grandes chapéus de boiadeiro, calças brancas folgadas e sujas, camisas de linho branco e cintos de couro imensos e pesados, de quase trinta centímetros de largura, cravejados de rebites de metal. Usavam botas de cano alto com as calças por dentro, cabelos pretos compridos e bigodes pretos fartos. Eles são muito pitorescos, mas nem um pouco amigáveis. Em uma peça de teatro, seriam logo entendidos como um grupo de bandoleiros do Oriente. Entretanto, na verdade, eles são, pelo que me dizem, inofensivos e até carentes de autoafirmação.

O crepúsculo já passava da metade quando chegamos a Bistrita, que é um lugar muito antigo e interessante. Fica praticamente na fronteira – pois Borgo, um desfiladeiro que forma uma passagem natural para atravessar os Cárpatos, leva à Bucovina –, tem uma história bastante turbulenta e marcas que não deixam dúvida sobre isso. Cinquenta anos atrás ocorreu uma série de incêndios, que deixou um rastro de terrível devastação em cinco ocasiões diferentes. Bem no início do século XVII, foi sitiada por três semanas e perdeu treze mil habitantes, sendo as baixas de guerra acrescidas dos mortos por fome e doença.

O Conde Drácula havia me instruído a ir para o Hotel Golden Krone, o qual descobri, deliciado, ser totalmente à moda antiga, pois é claro que queria ver tudo que pudesse dos aspectos tradicionais do país. Ficou evidente que eu estava sendo esperado, pois, quando me aproximei da porta, encontrei uma idosa de aparência alegre usando o tradicional traje camponês: roupa de baixo branca e um longo avental duplo, frente e costas, de lã colorida, quase justo demais para ainda ser respeitável. Quando eu me aproximei, ela se curvou e disse:

– O *Herr* inglês?

– Sim – eu respondi. – Jonathan Harker.

Ela sorriu e falou algo a um senhor também de idade, que vestia uma camisa branca de mangas curtas e a havia seguido até a porta. Ele se afastou e imediatamente voltou trazendo uma carta:

Meu amigo. Bem-vindo aos Cárpatos. Eu o aguardo ansiosamente. Durma bem esta noite. Às três horas da madrugada, a diligência vai partir para Bucovina; um lugar está reservado para o senhor. Na Passagem Borgo, minha carruagem o estará aguardando e irá trazê-lo até mim. Espero que sua jornada de Londres tenha sido feliz e que o senhor venha a apreciar a estadia em meu lindo país.

*Seu amigo,
Drácula*

4 de maio

Descobri que o estalajadeiro havia recebido uma carta do Conde, instruindo-o a reservar o melhor lugar para mim na diligência. Porém, quando eu quis saber detalhes, ele pareceu hesitante e fingiu não entender meu alemão. Isso não poderia ser verdade, porque até aquele momento ele o havia compreendido perfeitamente ou, pelo menos, respondido minhas perguntas como se compreendesse. O estalajadeiro e a esposa, a senhora que havia me recebido, olharam um para o outro de um jeito meio assustado. Ele resmungou que o dinheiro tinha sido enviado por carta e que isso era tudo o que sabia. Quando perguntei se conheciam o Conde Drácula e se poderiam me contar algo sobre o castelo, tanto ele quanto a esposa se benzeram, dizendo que não sabiam de nada, e simplesmente se recusaram a continuar conversando. A hora da partida estava tão próxima que não tive tempo de perguntar a mais ninguém. Tudo era muito misterioso e de modo nenhum reconfortante.

Próximo de minha saída do hotel, a velha senhora subiu ao meu quarto e falou, de um jeito histérico:

– O senhor tem que ir? Oh, jovem *Herr*, o senhor precisa ir?

Ela estava em tal estado de agitação que pareceu ter perdido todo contato com o alemão que dominava, e o misturava a algum outro idioma que eu absolutamente não reconheci. Só consegui acompanhar o que ela dizia fazendo-lhe muitas perguntas. Quando falei que precisava partir de uma vez, porque estava envolvido em assuntos muito importantes, ela perguntou de novo:

– O senhor sabe que dia é hoje?

Respondi que era 4 de maio, mas ela abanou a cabeça e repetiu:

– Sim! Isso eu sei! Mas o senhor sabe que dia é?

Assim que falei que não estava entendendo, ela prosseguiu:

– É véspera do Dia de St. George. O senhor sabe que hoje, quando o relógio bater meia-noite, todas as coisas ruins vão dominar o mundo? O senhor sabe aonde está indo e para o que está indo?

Sua angústia era tão evidente que tentei confortá-la, mas sem resultado. Por fim, ela se ajoelhou e implorou que eu não fosse, que ao menos esperasse um ou dois dias antes de partir. Era tudo bem ridículo, mas me senti desconfortável. Entretanto, havia trabalho a ser feito, e eu não podia permitir que nada interferisse. De maneira que tentei pô-la de pé e afirmei, com a maior gravidade, que lhe agradecia muito, mas que meu dever era soberano e que eu precisava ir embora. Ela então se levantou, enxugou os olhos e me ofereceu um crucifixo que tirou do próprio pescoço. Eu não soube o que fazer, pois, sendo anglicano, fui ensinado a considerar essas coisas como um tipo de idolatria, porém, ao mesmo tempo, seria muito rude repelir uma senhora idosa tão bem-intencionada e em tal estado de espírito. Ela percebeu a dúvida em meu rosto, suponho, pois pôs o terço no meu pescoço e disse:

– Por amor à sua mãe. – E saiu do quarto.

Estou escrevendo isto no diário enquanto espero a diligência que, é claro, está atrasada; e o crucifixo ainda está no meu pescoço. Se é o pavor da velha senhora, ou as muitas histórias de assombração deste lugar, ou o crucifixo em si, eu não sei dizer, mas não estou me sentindo nem um pouco confiante e tranquilo como de costume. Se estas anotações chegarem a Mina antes de mim, que transmitam minha despedida. Aí vem a diligência!

* * *

5 de maio

O Castelo. A coloração cinzenta da manhã passou e o sol está alto no horizonte além, parecendo irregular; se por causa de árvores ou de colinas, não sei dizer, pois está tão longe que as coisas grandes e pequenas se misturam. Não estou com sono e, como não devo ser chamado até que acorde naturalmente, escrevo até o sono chegar. Há muitas coisas estranhas para anotar, e antes que alguém leia estas linhas e imagine que jantei bem demais antes de deixar Bistrita, vou descrever a refeição exatamente. Jantei o que eles chamam de “bife assaltante”: pedaços de toucinho, cebola e carne temperados com pimenta vermelha, enfiados em espetinhos e tostados, no estilo simples do churrasco de gato de Londres! O vinho era o Golden Mediasch, que provoca na língua umas agulhadas estranhas, mas não desagradáveis. Tomei apenas duas taças, e mais nada.

Quando entrei na diligência, o condutor ainda não tinha se sentado, e o vi conversando com a estalajadeira. Eles estavam evidentemente falando sobre mim, pois a toda hora olhavam em minha direção, e algumas das pessoas sentadas no banco do lado de fora da porta, que eles chamam por um nome que significa “portador de palavras”, se aproximaram para ouvir e depois olharam para mim, a maioria com pena. Consegui ouvir muitas palavras que se repetiam com frequência, palavras esquisitas, pois havia muitas nacionalidades na multidão. Então, discretamente, peguei meu dicionário multilíngue e consultei. Devo dizer que não foi nada animador, pois entre elas estavam *Ordog*, *Satã*; *pokol*, inferno; *stregoica*, bruxa; *vrolok* e *vlkoslak*, as duas significando a mesma coisa, sendo uma eslovaca e a outra sérvia, para algo que é ou lobisomem ou vampiro. (Nota: perguntar ao Conde sobre essas superstições.)

Quando partimos, a multidão na porta da estalagem já tinha aumentado significativamente; todos fizeram o sinal da cruz e apontaram dois dedos em minha direção. Com dificuldade, consegui que um companheiro de viagem me contasse o que significava o gesto. Primeiro ele não quis responder, mas depois, quando soube que eu era inglês, explicou que se tratava de um encanto ou proteção contra mau-olhado. Isso não foi nada agradável para mim, pois eu estava partindo rumo a um lugar desconhecido para encontrar um homem desconhecido; mas todos pareciam tão gentis, tão penalizados e solidários, que não pude deixar de me comover. Jamais vou esquecer a última visão que tive do pátio da estalagem e de sua multidão de figuras pitorescas, todas se benzendo, paradas sob a arcada ampla, tendo ao fundo a folhagem abundante dos oleandros e laranjeiras, plantados em barris verdes agrupados no centro do pátio. Então nosso condutor, cujas ceroulas de linho branco cobriam toda a parte frontal da boleia (*gotza*, é como eles chamam), estalou o grande chicote sobre os quatro pequenos cavalos, que saíram em disparada, dando início à nossa jornada.

Diante da beleza da paisagem por onde seguíamos, logo esqueci meus temores, embora, caso eu soubesse a língua, ou melhor, as línguas, que meus companheiros de viagem falavam, talvez não tivesse sido capaz de me livrar deles com tanta facilidade. À nossa frente, estendia-se uma terra escarpada e verdejante, repleta de florestas e bosques, com colinas íngremes aqui e ali, coroadas por grupos de árvores ou por casas com a face cega da empena virada para a estrada. Havia por todo lado uma quantidade desconcertante de frutas crescendo: maçãs, ameixas, peras, cerejas; enquanto passávamos, consegui ver a grama verde sob as árvores brilhando pelas pétalas caídas. Entre as colinas verdes, aqui chamadas de “Mittel Land”, corria a estrada, que se perdia por entre as curvas gramadas e fechava o

viajante entre duas alas irregulares de pinheiros, que aqui e ali desciam as colinas como línguas de fogo. O caminho era muito acidentado, mas mesmo assim íamos a grande velocidade, como se tomados por uma pressa febril. Na ocasião, não entendi o motivo de tanta precipitação, mas o condutor estava claramente determinado a chegar à Passagem Borgo sem perder tempo. Disseram-me que no verão esta estrada é excelente, mas que ainda não havia sido consertada desde as últimas neves do inverno. Neste aspecto, ela é diferente da administração geral das estradas nos Cárpatos, pois é uma tradição que não sejam mantidas em muito boas condições. Já os antigos senhores de terra eslavos, os hospadares, não as consertavam para evitar que os turcos pensassem que eles estavam se preparando para trazer ao território tropas estrangeiras, assim precipitando uma guerra que, de fato, estava sempre prestes a eclodir.

Além das amplas colinas verdejantes da Mittel Land, as encostas imponentes da floresta se elevavam até os cumes íngremes dos próprios Cárpatos. Assomavam-se à nossa direita e à nossa esquerda, banhados pelo sol da tarde, que realçava as cores gloriosas desta bela cordilheira: azul profundo e roxo nas sombras dos picos, verde e marrom onde grama e pedra se fundiam, e uma vista infinita de rochas irregulares e penhascos pontiagudos, até que eles mesmos se perdiam na distância, onde os picos nevados se erguiam grandiosamente. Aqui e ali surgiam grandes fendas nas montanhas, através das quais, conforme o Sol se punha, víamos de quando em quando o brilho branco de uma queda-d'água. Um dos meus companheiros tocou meu braço, quando contornamos a base de uma colina e o pico nevado de uma montanha se revelou, parecendo, conforme serpenteávamos pela estrada, estar bem diante de nós.

– Olhe! *Isten szek!* O assento de Deus! – e ele se benzeu com reverência.

Seguíamos em nossa viagem interminável, enquanto o sol baixava cada vez mais atrás de nós e as sombras da noite nos rodeavam. Isso ficava mais evidente pelo fato de que os cumes nevados das montanhas ainda retinham o poente, e pareciam incandescer em um delicado tom de rosa frio. Aqui e ali cruzávamos com tchecos e eslovacos, todos em trajés pitorescos, mas percebi que o bócio era comum, infelizmente. Ao longo da estrada havia muitas cruces e, enquanto passávamos, meus companheiros se benziam. Aqui e ali havia um camponês ou uma senhora ajoelhados diante de um santuário, e não se viravam com nossa aproximação, parecendo tão mergulhados na devoção que não tinham olhos nem ouvidos para o mundo externo. Havia muitas coisas novas para mim: por exemplo, fardos de feno nas árvores, e aqui e ali lindos grupos de bétulas, com seus troncos brancos brilhando como prata por entre o verde delicado das folhas.